

MULTILETRAMENTO E LEITURA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL: UM PANORAMA HISTÓRICO

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Talita Veloso Cerveira (UEMS)

tvcerveira@gmail.com

RESUMO

A necessidade de passar informação por meio de registros tem sido um desafio, que não está ligado necessariamente à escola. Desde o surgimento da escrita houve a necessidade de se comunicar por seja através de mensagens políticas, doutrinas religiosas, controles de produções agrícolas e por outras tantas. Até hoje a escrita mantém sua importância para a informação: Internet, livros, jornais, revistas, entre outros. Assim, na prática do ensino-aprendizado, a leitura continua a exercer um papel fundamental. Saber ler significa ampliar a compreensão sobre o mundo e suas diversidades, conseguir fazer escolhas e ter a possibilidade de exercer seu papel de cidadão. Assim, o presente trabalho fará um panorama sobre a história da leitura, demonstrando como o multiletramento é o resultado de transformações tecnológicas e culturais antigas, não apenas atuais oriundas do processo de globalização do século XX, e surge a partir da necessidade em diversificar a comunicação. Durante o desenvolvimento do trabalho, utilizaremos os estudos de Roger Chartier para tratar da história da cultura, demonstrando os diversos interesses e usos que aproximam leitores e autores, assim como a existência ao longo da história de diferentes tipos de gêneros e formatos de textos. Compreender as mudanças da prática da leitura e nas formas de comunicação através dos anos amplia a possibilidade de reflexão acerca do tema e possibilita a reflexão e o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre própria o conceito de multiletramento.

Palavras-chave: História. Interdisciplinaridade. Leitura. Multiletramentos.

1. Introdução

Por muitos séculos a necessidade de passar as informações por intermédio de registros foi e continua sendo um desafio. Tal desafio não está ligado necessariamente ao ato de ensinar por meio da escola. Desde as mais remotas civilizações, sempre houve a necessidade de se comunicar através da escrita, tais como mensagens políticas, doutrinas religiosas, controles de produções agrícolas e outras tantas.

Uma das principais formas de se transmitir informações atualmente ainda é por meio do texto escrito e da leitura individual. Vários são os meios para este processo: Internet, livros, jornais, revistas. Ainda que os espaços sejam públicos ou privados, aqueles que dominam o código da leitura conseguem ter acesso a informações, muitas vezes passadas de

forma simples para uma grande massa, outras de forma mais complexa para um público mais letrado e ou acadêmico.

Não dominar a leitura implica em muitas limitações, na não compreensão não só das palavras, mas do próprio mundo codificados na escrita. O processo de alfabetização que passa pela leitura e pela escrita leitura não pode ser visto unicamente como um processo que induz apenas à transmissão de conteúdos ou memorização de significantes, mas deve também visar também formar o hábito como aquisição de conhecimentos constantes.

Por isso na prática do ensino aprendido, a leitura exerce um papel fundamental: saber ler significa ampliar a compreensão sobre o mundo e suas diversidades, significa conseguir fazer escolhas e ter a possibilidade de exercer seu papel de cidadão. É por meio da leitura, entre outras formas, que é possível receber informação, processá-la e utilizar aquilo que é necessário. Com o avanço tecnológico o aumento e a complexificação da informação na contemporaneidade houve um aumento significativo dos debates acerca do ensino focado na diversificação dos gêneros textuais, a fim de que seja promovida a diversidade linguística e cultural, principalmente em função das novas tecnologias de informação.

Este artigo, contudo, não tem como objetivo analisar o processo de comunicação por meio da leitura a partir de uma perspectiva semiótica. Também não há a intenção de realizar um levantamento sobre as práticas de multiletramento, tão em voga e necessárias no mundo atual, nem traçar um panorama da história da educação. Pretende-se aqui, de forma breve, apresentar um panorama sobre como a história da leitura constitui-se como uma representação social que possui historicidade e sentido e demonstrar como o multiletramento é, na verdade, o resultado de transformações tecnológicas e culturais antigas e não apenas atuais oriundas do processo de globalização do século XX.

O artigo será construído a partir da análise críticas de obras acerca do assunto e tem como objetivo desassociar o multiletramento como uma prática criada apenas após o advento das inovações tecnológicas, compreendendo-o a partir de uma análise mais de longa duração ligado às variadas práticas de leitura.

2. A prática do multiletramento na história da leitura enquanto representação

De acordo com Roxane Rojo, o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (2012, p. 13)

É inegável que a propagação da pedagogia dos multiletramentos, mediante a multiplicidade de linguagens promove a valorização da cultura e valores de diferentes sujeitos, que por sua vez dão origem a novos gêneros textuais híbridos. As mudanças da atualidade com sua rapidez e intensificação trazem a necessidade de preparação do sujeito para adquirir a capacidade de leitura do mundo. Uma vez adquirida essa capacidade também se amplia a produção de novas formas de escrita que dão vozes a diferentes grupos sociais.

A prática da leitura e do multiletramento e seu uso enquanto atividade pedagógica, contudo, não é nova. Ainda que o termo *pedagogia do multiletramento* seja recente de forma relacional com as transformações tecnológicas e a necessidade de formação de alunos/cidadãos críticos na sociedade global atual, ele existe desde os tempos mais remotos. A prática de diversificar a comunicação com o objetivo de passar informação para aprendizado existe desde que o homem passou a utilizar uma gama de diversas maneiras para construir comunicação por meio de registros que por sua vez contribuíram para que por meio da prática, informal e formal, incluindo-se o ensino, fossem surgindo diferentes formas de leitura que não aquela apenas relacionada à escrita.

Roger Chartier e suas análises relacionadas à história da cultura e leitura traz grande contribuição acerca do tema. Ele analisa os diversos interesses e usos que aproximam leitores e autores, assim como a existência ao longo da história à necessidade de construção de diferentes tipos de gêneros e formatos de textos. Compreender as mudanças da prática da leitura e nas formas de comunicação por meio dos anos, bem como as representações relacionadas a estas amplia a possibilidade de reflexão acerca do tema e possibilita a reflexão e o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre própria o conceito de multiletramento, pois se acredita que o tema está ligado ao próprio processo de compreensão da linguística e de sua história.

Diferentes estilos de leitura, a partir de diversas necessidades de controle político, contribuem para o surgimento de variadas necessidades de aprendizado e comunicação com diferentes representações.

Nessa perspectiva é necessário compreender a leitura como um processo de construção de sentido, e representação por intermédio das suas diferentes práticas promovidas ao longo da história. Sobre esse assunto, Chartier (1990) salienta:

Todo o trabalho que se propõe identificar o modo como as configurações inscritas nos textos, que dão lugar a séries, construíram representações aceitas ou impostas do mundo social, não pode deixar de subscrever o projeto e colocar a questão, essencial, das modalidades da sua recepção. (CHARTIER, 1990, p. 24)

De acordo ainda com o autor, um texto literário, por exemplo, é um sistema de categorias, percepção, regras de funcionamento os quais remetem a suas condições de produção ou à historicidade de sua criação e apropriação. Perceber a leitura enquanto um processo de construção de sentido e associando-a ao surgimento da prática de multiletramento corrobora também para a sua construção com um significado provido de intencionalidade, sentido e, portanto, conforme já citado acima, de representação.

Pensar na leitura prática antes da invenção da imprensa, por exemplo, é pensar em uma prática que era feita de forma coletiva e com um leitor que na verdade praticava a ação para um grupo. Ainda que este grupo não dominasse os códigos da escrita, reuniam-se para o recado que se desejava transmitir através de um leitor coletivo, que é claro, de acordo com a sua própria entonação no ato de ler, poderia ainda influenciar no recado final.

Neste sentido é preciso lançar um olhar minucioso e atento às práticas e usos da leitura, pois ela reflete: a apropriação ligada às práticas de leitura e, a historicidade, que propõe a variabilidade dessas práticas segundo seu contexto histórico. A apropriação remete-se à forma como interpretamos o texto e todos os elementos que o rodeiam, desde conteúdo escrito, até o suporte do livro, ou seja, como este é fabricado e onde é armazenado. O contexto social em que o leitor se encontra, também deve ser levado em conta, pois cada indivíduo irá trabalhar os textos com base nas suas próprias experiências e expectativas. Mas, estas variáveis possuem uma historicidade e não são eternas, universais ou imutáveis. Segundo Chartier (1992), uma prática social móvel em sua forma e sentidos.

No período medieval, ainda que a educação formal estivesse ligada a poucos, pois era monopólio da Igreja, a utilização da pintura dentro dos templos católicos possuía uma objetividade pedagógica de contar histórias sagradas a seus visitantes. A igreja, ou seja, o templo, era um importante espaço de sociabilização, onde grande parte da população de uma aldeia se encontrava todos os domingos, por vezes em alguns momentos também serviam como fortalezas, visto que estamos tratando de um período onde grande parte das construções eram precárias. Ao tomar contato com essas iconografias, o público, em sua maioria composto por analfabetos, era convidado a interagir com símbolos que os tornavam mais íntimos acerca da ideologia que se pretendia passar. Cabe, portanto, destacar que esta leitura simbólica possuía uma intencionalidade pedagógica.

Mas, qual a relação com o multiletramento? Ela encontra-se na necessidade da leitura feita por outro suporte que não o livro. O indivíduo não nasce com a capacidade de leitura imagética. Ela precisa ser desenvolvida condicionada, neste caso a uma determinada leitura de mundo que precisava ser difundida. Não é à toa que os estudos das obras de arte antigas passaram a ter lugar no período seguinte: o Renascimento.

O conceito de letramento, portanto, não deve ser associado como algo apenas ligado à leitura e à escrita, mas à prática do discurso presente nas diferentes formas de leitura do mundo. O mundo não se descortina apenas a partir da leitura de letras, mas de diferentes símbolos, sejam eles orais, tridimensionais, iconográficos etc., por isso, as palavras de Certeau (1990) também são muito assertivas ao tratar a respeito da presença e circulação de uma representação:

 Não indica somente o que ela é para os que dela se utilizam. É necessário ainda analisar a sua manipulação pelos que a praticam e que não são os fabricantes dessas representações. Então pode-se apenas apreciar o desvio ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (1990, p. 76)

Chartier salienta a importância de se sublinhar as diversas formas de leitura nas sociedades ocidentais desde a Antiguidade. Esse cuidado evidencia uma das principais características do autor: a de que o ato de ler não é fixo no tempo e espaço, ela se multiplica em forma, técnica, suporte, sentido. Debruçando-se sobre a investigação das formas de leitura presentes no campo antes e depois da Revolução Francesa, pode-se entender melhor tal variabilidade histórica. Um estudo da época sobre os hábitos de leitura, dirigido por um abade chamado Gregório, foi uma das

fontes dessa informação (CHARTIER, 2003, p. 261).

A ideia da pedagogia dos multiletramentos propõe a formação de professores para que eles consigam trabalhar de outra maneira, saindo de uma lógica atrelada a uma pedagogia mais tradicionalista da educação passiva. Contudo prover materiais adequados aos docentes, ou fora da escola aos comunicadores sempre foi um investimento necessário até para o processo comunicativo, visto as dificuldades de alcance ao público final e até as propostas de alcance daquilo que desejava comunicar. Compreender o tema a partir desta perspectiva histórica, a partir de sua análise crítica favorece com que se possa perceber que uma educação inclusiva que promova a diversidade social é algo fundamental.

3. Considerações finais

O letramento relacionado à tecnologia hoje é fundamental para uma boa formação do indivíduo. A prática do multiletramento não se encontra necessariamente associada aos avanços ligados a tecnologia computacional, mas as diferentes transformações pelas quais a sociedade veio passando ao longo dos anos. Acredita-se que diferentes necessidades sociais e de controle político e econômico trouxeram novas maneiras de leitura sobre o mundo. Estas acabaram também por influenciar a criação de novos textos.

A leitura ao longo da história não pode ser apenas associada ao texto escrito, mas a diferentes formas que o homem enquanto indivíduo social apresenta-se para ser compreendido. A pedagogia do multiletramento origina-se a partir de uma prática antiga ligada a apreensão da realidade antiga e relacionada a diversas práticas de leituras, elaboradas com um sentido e objetivos conforme citado ao longo do trabalho. O conceito de multiletramento não está relacionado apenas a códigos escritos.

É inevitável destacar na atualidade a questão temporal, sobretudo no que tange a velocidade de transformações, contudo, um olhar mais apurado acerca da história da leitura possibilita a compreensão da leitura e da escrita enquanto prática social focada em representatividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien: l'arts de faire*. Paris: Folio Gallimard, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Leituras e leitores na França do antigo regime*. Trad.: Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.

_____; CAVALLO, Guglielmo. (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. [1. ed. 1998]

DIONISIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. (Orgs.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

SILVA, Dagmar Vieira Nogueira; BARBOSA, Vanderlis Legramante; GOMES, Nataniel dos Santos. Observações sobre o texto e o sentido na era dos emojis. *Revista Philologus*, ano 23, n. 69. Rio de Janeiro: CiFE-FiL, set./dez. 2017.